

Geografias Imaginadas

Paul Goodwin

Como geógrafo, sempre acreditei seriamente na máxima de David Harvey's de que a geografia é demasiado importante para ser deixada aos geógrafos¹. O aviso de Harvey não é apenas um repentino acesso de humor auto-flagelante destinado a reduzir os egos inchados dos geógrafos, na sua colonização profissional de todos os assuntos que tenham que ver com espaço e lugar. Ele fez esta afirmação como uma intervenção política, no contexto do debate sobre o papel das "ciências" geopolíticas na descrição e mapeamento dos contornos de uma expansão global, e constantemente em mutação, do capitalismo a todas as áreas da vida. Apesar de não o mencionar expressamente, Harvey devia estar a pensar em artistas, uma vez que a sua intervenção aludia às infinitas possibilidades de expansão daquilo a que ele chama a "imaginação geográfica". Por outras palavras, os artistas conseguem chegar a espaços da imaginação geográfica que os geógrafos não conseguem alcançar.

Foi precisamente esse pensamento que me passou pela cabeça quando entrei na galeria 198, no coração da Londres urbana, para ver a exposição de Mónica Miranda, *NEW GEOGRAPHIES*. Ao entrar na galeria, a primeira coisa que o visitante vê é um painel iluminado montado na parede, *London A-Z (2007)*, que, ao primeiro olhar, é um mapa comum, traçando as regiões de Londres e as principais artérias de estradas e meios de transporte. Mas ao explorar com mais atenção, vemos que os nomes dos lugares que polvilham o mapa são, na verdade, lugares de todo o mundo dispostos em função da localização das comunidades oriundas desses sítios na cidade de Londres. Londres transforma-se assim numa cidade do mundo, o mundo numa cidade. No mapeamento criativo de Miranda, Melbourne é vizinha de Tunis, enquanto que Mombassa se estende em cima de Jerusalém. Ealing transforma-se em território resolutamente polaco, ao passo que afegãos polvilham Southwark. A tradicional precisão e certezas cartográficas perdem-se, ao serem deslocadas e descentradas. As hierarquias urbanas tecidas em função de raça são derrubadas e reimaginadas como uma manta de retalhos do cosmopolitanismo "glocalizado".

Ao avançar pela exposição, novas geografias rodeiam-nos e envolvem-nos de todos os lados. Tuning (2007) leva-nos numa viagem panorâmica em vídeo por Londres, com uma banda sonora de um auto-rádio vacilante, sons de *talk-shows* e *jingles* de várias tonalidade e línguas multiculturais. *In The Back Of Our Hands (2006)* consiste em sete imagens montadas na parede, de mãos de várias cores e etnias, com mapas mesclados projectados sobre elas, ao passo que *Where Are U From?* é uma série espectacular de imagens da artista e dos amigos montadas na parede, com vários mapas transpostos para os seus corpos, reflectindo viagens de vida pessoais. Em todos estes trabalhos, a cartografia é forçada a confrontar corpos reais: carne e sangue, uma personalização da sensação de espaço, ao contrário das geografias sem corpo dos mapas tradicionais. Mónica de Miranda está a devolver o corpo aos mapas, um regresso ao espírito dos

¹ Harvey, David "On the History and Present Condition of Geography" in *The Professional Geographer*, Vol. 36(1), 1984.

“mappae mundi” medievais². Ao integrar nos mapas imagens simbólicas e corporais, bem como elementos não representacionais, a artista consegue subverter as cartografias lineares e unidimensionais do poder e controlo social.

A imaginação geográfica é expandida de outras formas, para além do mapa. Imagens dominantes de identidade nacional e integridade territorial são postas em causa e expostas em trabalhos como *Biting Nations* (2006) e *Flags*. *Biting Nations* é um vídeo de bandeiras nacionais pintadas em unhas que estão a ser mordidas, roídas e cuspidas nervosamente por vários artistas. A banda sonora do crepitar e cuspir das unhas, justaposta com imagens de bandeiras nacionais sendo mutiladas provoca uma sinistra sensação de inquietude no espectador. Estaremos mais perturbados por ver e ouvir os nossos amados símbolos nacionais sendo despedaçados em frente aos nossos olhos? Ou é a auto-mutilação do corpo que nos parece tão perturbadora?

States é outra peça que quebra imagens hegemónicas de nacionalismo. Oito bandeiras multicoloridas são dispostas numa parada na parede da galeria, reflectindo a pompa e cerimónia das bandeiras nacionais enquanto marcas de uma identidade. Algumas das bandeiras são genéricas, mas outras exibem as cores de bandeiras nacionais relacionadas com a artista e o seu companheiro. Em todas elas há imagens da artista e do seu companheiro vestidos de palhaços, beijando-se, assim suavizando a superfície dura das bandeiras nacionais e nacionalistas com uma dimensão lúdica, brincalhona e absurda.

Aliás, imagens de palhaços apaixonados, vagueando por várias montagens de lugares reais e virtuais, estão também presentes em *Wedding Series* (vídeo) e *Wonders of the World* (4 imagens em painéis iluminados montados na parede). Na primeira peça, a artista e o seu companheiro são filmados casando num notário em Londres, vestidos com toda a parafernália dos palhaços, enquanto que, na última, os palhaços são retratados em todo o mundo, em lugares e monumentos icónicos (a Torre Eiffel, a Tower Bridge, a Estátua da Liberdade, etc.), servindo de pano de fundo para a sua alegre e jocosa “lua-de-mel” imaginária. Nestes trabalhos, algumas das arestas mais ásperas do urbanismo multicultural são limadas pelo facto de o espectador ser seduzido a entrar numa paisagem virtual e onírica de relações interraciais, amor e jogo que parecem transcender as realidades mundanas, e frequentemente agressivas, da vida urbana em muitas das maiores cidades do mundo. A figura do palhaço enquanto vadio urbano, vagabundo que percorre o mundo e fornecedor *par excellence* de uma filosofia de “espalhar o amor”, parece o melhor precursor da promessa utópica de um novo cosmopolitismo metropolitano, ao qual já se alude nas ruas que rodeiam a galeria.

Ao deixar a exposição e entrar na noite de Brixton, esse mundo de cosmopolitismo vadio de Mónica não parece muito afastado das paisagens e sons que me rodeiam na teia urbana de Brixton. Salões de manicura acotovelam-se em busca de espaço, competindo com lojas de moda e de comida exótica. Habitantes de todas as formas, tons e sotaques passam por mim em todas as direcções. Olho para o meu guia de Londres A-Z e penso na cuidada e meticulosa atenção ao detalhe que ele exhibe na sua representação de Brixton: geógrafos

² ‘Mappae mundi’ é um termo geral utilizado para descrever mapas do mundo da Europa medieval. O termo vem do latim medieval “mappa” (tecido ou quadro) e “mundi” (do mundo).

e cartógrafos em trabalho afincado. E no entanto, as *novas geografias* que acabei de ver, ouvir e viver na exposição de Mónica, e que encontro todos os dias nas ruas confusas da grande metrópole, estão completamente ausentes do meu mapa. Talvez o departamento de cartografia precise de começar a contratar artistas como Mónica de Miranda. Ou, quem sabe, palhaços?

Paul Goodwin é geógrafo, teórico de urbanismo e formador em galerias de arte, baseado em Goldsmiths, University of London.